

4.

Conclusão

Muito se tem escrito sobre Vieira, mas pouco ou quase nada se conhece sobre o tema do amor tal como ele o encara em alguns de seus sermões. O desejo de aventura, de descoberta, terá justificado nossa escolha da trilha pouco explorada, para nela trazer as várias faces do amor abordadas por Vieira.

Este tema, por nós privilegiado, surgiu a partir de uma leitura dos sermões do Mandato. Interessou-nos a forma como o padre jesuíta pensava o amor em pleno século XVII e resolvemos pesquisar o assunto. A princípio, houve dificuldade quanto ao caminho a percorrer, pois, tal como foi dito acima, o tema fora pouco explorado. Vencida esta barreira inicial, percebemos quão rico era o campo escolhido.

Desde o início, notamos como fora Vieira influenciado pelo pensamento aristotélico-tomista e por Santo Agostinho, e, ainda, a importância que em sua obra têm as três formas de amor a que os gregos fizeram menção: Eros, Filia e àgape. Pesquisamos a dicotomia – amor humano, amor divino –, procurando estabelecer um paralelo entre a fineza do amor de Cristo e a do amor humano, demonstrando que Cristo ama com fineza e com intensidade os homens, e que este fino amor é maior e melhor do que o outro, sempre inconstante e frágil. Através do olhar de Vieira, vimos o amor e o ódio, e, mais que amor e/ou ódio, o amor aos inimigos, aceitando o preceito de como se deve amá-los, o mais difícil de todos. De sua palavra, ouvimos a interpretação que dá do desejo, indo buscá-lo onde menos se poderia esperar: no coração da Virgem Maria, a mais pura de todas as mulheres. Que espécie de desejo poderia ter esta menina que concebe, do Espírito Santo, um filho que é e não é seu, pois é o próprio Deus que assume a carne humana herdada da Mãe? Onde vai buscá-la o pregador? Na redondez do útero materno, nessa forma privilegiada, que conteria em si o finito e o Infinito, a própria idéia de Deus.

Para o orador, segundo Hansen⁶⁹ “é central a tópica anti-maquivélica e anti-luterana da presença conselheira da luz natural da Graça na alma como *synderesis* por isso mesmo, tópica sempre relacionada à *virtus unitiva* do amor divino relevado nas suas espécies criadas. Encontramos, entre elas, as leis positivas do Império, que só são legítimas se forem o justo reflexo da lei natural que reflete a lei eterna de Deus. Para

⁶⁹ Hansen, via e-mail 14/01/09

Vieira, o amor deve existir ligado a formas institucionais, formas que sejam, de alguma maneira, reguladas teológica e politicamente como formas integradas ao bem comum de todos, evidentemente, formas dadas a ver, ouvir e ler como formas retoricamente regradas, pois as paixões se usam, aplicam-se. Os gestos do corpo efetuam o *pathos* amoroso, levando-nos a pensar nas formas assumidas pelo corpo na figuração dos afetos”.

Vieira deixa claro que conhece a mística portuguesa e espanhola do século XVI, como também Teresa de Ávila, sem falar nos líricos latinos, como Ovídio, mesmo que moralizado. E a lírica portuguesa do XVI, o inigualável Camões. O pregador conhece as vertentes neoplatônicas que pressupõem a tópica do amor como *virtus unitiva* universal; desconfia do amor humano, pois é *vanitas*, indo muito a Sêneca quando fala do amor como doença da alma. Para Hansen ⁷⁰ “o padre pensa o amor humano pressupondo as definições contra-reformadas das práticas *contra naturam* fixadas no *Código do Direito Canônico*”.

O amor, para o pregador, mais do que uma das paixões desenvolvidas por Aristóteles em sua *Retórica das paixões*, é um sentimento que deve permear todas as relações humanas entre si e com o criador. É claro que Vieira não fica apenas no amor enquanto sentimento afetivo que deve ser vivido entre os homens. Ele dá a este sentimento uma posição política, o amor como elemento de poder em uma sociedade estratificada e rígida em sua hierarquia. E isto o orador faz muito bem. “Sabe que vive ⁷¹em uma sociedade que não é burguesa nem pautada pelo individualismo da livre concorrência, sendo, segundo as definições de Suarez e Botero um corpo místico de vontades unificadas no pacto e sujeição ao rei. Ou seja, uma sociedade corporativa, em que todos os indivíduos, todos os estamentos, todas as ordens sociais devem necessariamente ser responsáveis pela concórdia e pela paz do todo social, como “bem comum”. O amor pode ser pensado politicamente como elemento hierarquizador do todo social, e não isoladamente apenas, como paixão individual. O amor pensado como um elemento político e hierarquizador do todo social, nos leva a pensar na ordenação do corpo místico, sendo que tal ordenação visa a uma política da Igreja e da Companhia” finaliza Hansen .

Para o orador, o conhecimento de si mesmo constrói o hábito virtuoso e é através dele que se chega ao Ser a quem o homem deve procurar assemelhar-se. O

⁷⁰ Hansen, via e-mail, 14/01/09

⁷¹ Hansen via e-mail, 16/01/09

desconhecimento de si leva ao amor desordenado, tornando a criatura humana desprovida de razão e da sua capacidade de escolha. A busca de um Outro leva ao reconhecimento de Deus como realidade a ser buscada. O amor virtuoso dedicado ao Criador, a Cristo ou mesmo aos homens é uma solução oferecida à solidão e ao desejo de paz e alegria. Nesta busca, provoca-se um retorno a si mesmo, tomando-se consciência da própria fragilidade e buscando-se em Deus o conforto para todos os males.

Para Vieira, o conhecimento de si mesmo é um fator principal na busca da felicidade, da paz, da saúde e do desejo de cada um. O descuido de si faz perder a razão, entregar-se com facilidade às paixões, deixar-se tomar pelos sentimentos. Algum auxílio haverá talvez na palavra do orador, nos seus sermões, no sentido de garantir a plena liberdade de amar a Deus e ao próximo com ordenação e não com o destempero que ocorre com o mau uso das paixões. O amor virtuoso aproxima o homem de Deus, sendo que o amor divino traz a possibilidade de o ser humano munir-se de características divinas para melhor enfrentar a vida.

A graça ilumina-lhe o entendimento, o hábito virtuoso aproxima-o de Deus, através da virtude que restabelece com o Criador o seu vínculo, que só se quebra pela experiência do pecado. O homem torna-se, então, responsável pelo seu destino, no que diz respeito à busca da felicidade e da paz.

Cristo, preocupando-se com a fragilidade de seus amados, põe-se entre os homens para ensiná-los a amar, oferecendo a união destes com Deus, através do Sacramento. Vemos em Vieira o amor de Cristo ser uma prática amorosa que tem, como meta, auxiliar o homem em seu caminho de união com Deus, único meio de saciar no Ser a sua angustia.

A análise profunda do amor leva o orador a uma perpétua busca, a um incessante desejo de estar sempre próximo do Criador, do sempre Ser. O amor, pensado sob a ótica que adotou – na qual a paixão é boa, desde que regida pela razão – deixa de existir se o homem a perde. Só através do amor de Deus o homem pode verdadeiramente amar.

Autor instigante, tentador, Vieira seduz o leitor com a força do seu discurso. Através da palavra, tenta conduzir os seus ouvintes para a Palavra de Deus. Homem do seu tempo e de além deste, as suas idéias estão vivas e se fazem presentes na sua vasta obra que, lida e relida com o passar dos séculos, chega até nós, proporcionando prazer e encanto, aguçando-nos a curiosidade intelectual.

Vieira era dono de forte personalidade, que, aliada a luminosa inteligência e a imensa capacidade de argumentar, o tornou o maior orador do seu século nos países de língua portuguesa, tendo como armas de ataque e persuasão a linguagem escrita aliada à oral e à gestual.

Religioso convicto, era um obstinado na busca do plano de Deus, fazendo de sua voz intérprete deste plano junto aos homens, buscando convertê-los. Personalidade complexa, sua obra o reflete na multiplicidade de temas abordados.

Seguidor de Inácio de Loyola, adotou os pensamentos deste, que quis formar verdadeiros missionários, divulgadores da Palavra pelo mundo a fora. Conciliar esta vida missionária com uma vida religiosa, devota, foi um dos grandes desafios que os jesuítas enfrentaram. Para alcançar tal objetivo, sabiam que só a fé não era suficiente. Era necessário ter-se conhecimento, cultura, ser um homem do e à frente do seu tempo; e nisto os jesuítas foram mestres. Possuidores de vastos conhecimentos, fundaram colégios por todo o mundo, tornaram-se exímios pesquisadores, começaram a influenciar o pensamento de sua época. Honestamente sagazes, viram que é sempre bom estar ao lado de quem tem o poder e se associaram aos reis, tornando-lhes necessária a sua presença. Em função apostólica, partiram pelo mundo a divulgar o Evangelho.

O pregador nunca dissociou a Companhia da figura de Inácio de Loyola. Isto ficará bem claro em um sermão todo dedicado ao fundador, “Santo Inácio”, cuja influência está presente em sua obra, tanto quanto a da Companhia de Jesus. Não nos podemos esquecer de que Vieira entrou, noviço, aos 15 anos na Companhia, só saindo dela aos 89 anos. Para os jesuítas, conhecer, manipular e controlar as paixões é muito importante para se alcançarem os objetivos não só religiosos, como sociais e políticos propostos pela Companhia, ocupando as emoções um papel fundamental no comportamento individual e social dos seus membros.

O Concílio de Trento deu um grande impulso à pregação sacra e tiveram como grandes divulgadores os jesuítas que, através de sua poderosa rede de colégios, formavam uma elite de padres e de leigos, apta a viver e a divulgar o catolicismo pelo mundo.

Estes religiosos partiram de suas terras a evangelizar e a levar a Palavra para todos os povos. Foram em direção à África, à Ásia – Japão e China –, às Américas – do Norte e do Sul. Correspondiam-se diariamente através de cartas que eram lidas em voz alta, para que todos pudessem ouvir e vivenciar o processo de disseminação do Evangelho.

Os jesuítas estavam agora em toda parte do mundo. Havia uma necessidade premente de unificar o corpo filosófico da Companhia, evitando a dispersão. Para tal foi escrito o *Curso Conimbricense* que, elaborado pelos professores de Coimbra, unificava o conhecimento entre os religiosos, tendo como objetivo facilitar o entendimento dos alunos e trazer um corpo seguro de questões filosóficas. O filósofo mais estudado foi, sem dúvida, Aristóteles, e, em seguida, Santo Tomás que, na verdade, faz uma leitura “cristã” do aristotelismo. Renovar a autoridade de Santo Tomás na teologia e de Aristóteles na filosofia era um dos objetivos dos conimbricenses.

Poderíamos falar muito mais do nosso autor, que nos dá matéria vasta para estender-nos, mas é necessário concluir. È o que fazemos, sem a satisfação plena de ter dito tudo que conviria dizer.

Vieira é sempre um desafio, um embate, uma tentação. Lê-lo é estar diante de um enigma que nunca decifraremos por inteiro.